

Papéis brasileiros atravessam primeira semana da nova equipe com estabilidade

por Celso Pinto
de Londres

A nova equipe econômica passou pelo primeiro teste no mercado financeiro internacional. Ao final da primeira semana no poder, não só os preços da dívida brasileira estavam ligeiramente acima do ponto de partida como, ironicamente, foram os mais estáveis entre os principais países latino-americanos.

O principal título da dívida, Mydfa, era negociado no final da sexta-feira em Londres entre 32,75 e 33 centavos por dólar, depois de ter começado a semana pouco acima de 32 centavos e ter baixado até a 31,75 centavos. Foi um comportamento mais do que razoável numa semana muito difícil para papéis latino-americanos. A dívida argentina, por exemplo, caiu de 62 para 54,87 centavos, antes de voltar a 59 centavos. México e Venezuela sofreram baixas ao longo da semana.

A principal razão para o veredito positivo dada por vários brasileiros ouvidos por este jornal é que o mercado estava preparado para algo pior do que aconteceu. "A nova equipe econômica parece querer seguir uma linha de política econômica similar à administração anterior", analisou um banqueiro. "Isso é muito bom, pelo menos a curto prazo".

O compromisso da nova equipe em respeitar o acordo com os bancos internacionais e a manutenção do negociador anterior, Pedro Malan, foram pontos muito bem recebidos. A defesa de políticas austeras e a ausência de planos heterodoxos contaram pontos.

Muito importante, lembrou um banqueiro, é a indicação do ministro da Economia, Gustavo Krause, de que pretende apresentar um projeto de reforma fiscal ainda este ano. A reforma fiscal é a pré-condição básica para a retomada do acordo com o FMI — que, por sua vez, é considerado pré-condição para que o acordo com os bancos caminhe sem problemas.

Continua a haver, de todo modo, uma boa dose de cautela em relação ao Brasil. A equipe e o presidente ainda são largamente desconhecidos. Entre os temores mais imediatos do mercado, que podem provocar uma brusca queda nos títulos brasileiros, está a relação entre Krause e o ministro do Planejamento, Paulo Haddad. Existe a percepção de que ambos têm raízes e posturas distintas e há o receio da volta de disputas entre as duas pastas, como ocorreu no passado. "Qualquer rumor sobre problemas entre eles tende a afetar o mercado", diz um banqueiro.

Outro temor óbvio é uma,

má notícia no "front" inflacionário. A inflação mudou de patamar, saltou para 25%, e qualquer sinal de aceleração será preocupante. Preocupa, ainda, a possibilidade de que haja problemas no encaminhamento do acordo da dívida no Senado. Ou que surjam sinais de fratura no apoio político no Congresso a uma reforma fiscal.

Tudo isso sugere cautela, mas o fato é que a primeira semana da nova equipe foi, do ponto de vista dos títulos no mercado, bastante estável. Foi uma semana de más notícias e rumores envolvendo a América Latina. A Argentina foi afetada pelos boatos da saída do ministro da Economia, Domingo Cavallo, por problemas no acordo da dívida e pela má recepção de uma emissão de US\$ 250 milhões em eurobônus.

Foram papéis colocados em nome da República Argentina, por um consórcio liderado pelo Crédit Suisse First Boston (CSFB), cinco anos de prazo e rendendo apenas 300 pontos-base de porcentagem acima dos títulos equivalentes do Tesouro americano. O mercado achou a remuneração muito baixa, houve dificuldades na colocação dos títulos e eles estavam sendo negociados, sexta-feira, a 396 pontos-base acima dos papéis do Tesouro americano, um salto considerável.

A Venezuela foi afetada pelos distúrbios políticos, que provocaram mortes em Caracas e criaram dúvidas sobre a estabilidade política do país. O México está sendo prejudicado pelo apetite com que tem vindo ao mercado. O banco de investimentos americano Salomon Brothers calcula que o México tentará buscar mais US\$ 3,3 bilhões em eurobônus antes do final do ano. É muito dinheiro e tem provocado algum aumento no custo dos bônus mexicanos.

Nesse contexto, a oscilação dos preços da dívida e dos bônus brasileiros foi pequena nos últimos dias. Duas emissões deverão vir ao mercado entre a próxima semana e a seguinte. A Petrobrás quer levantar US\$ 110 milhões, prazo de dois anos, numa operação liderada pelo CSFB. Quer pagar 475 pontos base acima dos títulos do Tesouro americano de prazo idêntico, o que alguns no mercado acham uma remuneração "apertada", que pode encontrar alguma resistência.

A Telebrás, por sua vez, quer buscar US\$ 40 milhões, prazo de cinco anos. Será sua quarta emissão nesta ano (US\$ 330 milhões) e sexta desde a volta ao mercado no ano passado (um total de US\$ 730 milhões até agora, contando os US\$ 40 milhões a colocar).